

09 lobo
21/5/98 11
Xucuru 46

Cacique que lutava por demarcação de terras é assassinado em Pernambuco

Criminoso foge a pé após dar seis tiros em Chicão, que sofria ameaças de morte

Diário de Pernambuco/20-5-98

Lúcia Oliveira

• RECIFE e BRASÍLIA. O cacique da comunidade indígena Xucuru-Kariri, Francisco de Assis Araújo, o Chicão, foi assassinado ontem em Pesqueira, Pernambuco, quando manobrava o seu carro, ao deixar a casa de uma irmã. Chicão foi atingido por um tiro no pescoço e cinco na região esquerda do tórax e morreu a caminho do hospital Lídio Paraíba. O autor dos disparos, não identificado, fugiu a pé carregando a arma.

Coordenador de articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo, o cacique assumiu nos últimos 12 anos a liderança na luta pela demarcação das terras de seu povo. Em 1995, em entrevista à imprensa local, o cacique denunciou ameaças recebidas por ele e sua família.

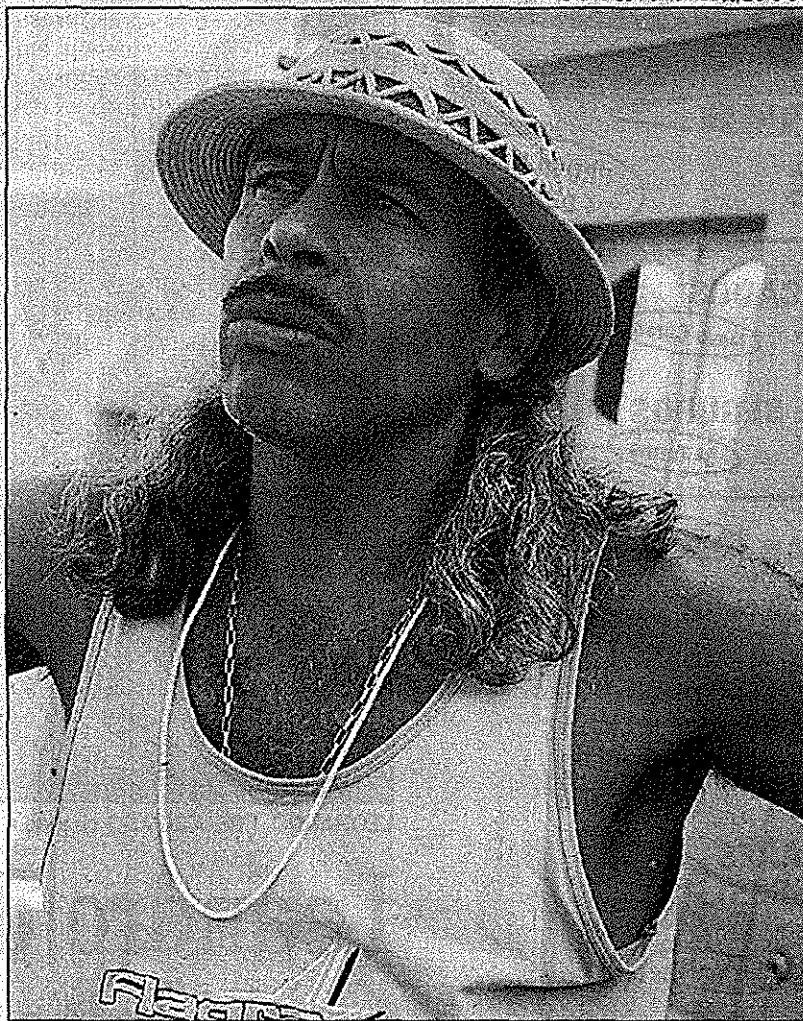
Ele afirmou na ocasião que era um homem marcado para morrer e que, por causa disso, evitava viajar de ônibus quando ia a Recife. "Chegaram a dizer que eu não emplacaria 96", disse o índio na época.

Chicão é o segundo líder indígena morto nos anos 90

Chicão é o segundo líder indígena assassinado em Pernambuco nesta década. O primeiro foi o cacique Atikum (Abdon Leonardo da Silva), de Floresta, assassinado junto com seu irmão Abdias João da Silva.

Em março de 1996, representantes da comunidade Xucuru tiveram audiência com a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa para alertar sobre as ameaças de morte endereçadas ao cacique. Segundo parentes de Chicão, as ameaças voltaram a acontecer nos últimos dois meses, por telefone.

A Polícia Federal designou o delegado Carlos Fásio, um perito e dez agentes para as primeiras providências no caso. Mas o crime, ocorrido fora do território das aldeias xucurus, deverá ser investigado também pela Polícia Civil. Segundo o delegado de Pes-



O CACIQUE FRANCISCO de Assis Araújo, assassinado com seis tiros

queira, Cleodon Calado, serão consideradas várias hipóteses: a liderança na causa da comunidade; a ocupação pelos índios, ocorrida há dois meses, das fazendas Tionante e Sítio do Meio; atritos do cacique com pessoas que retiravam madeira das terras indígenas e as ameaças de morte. Um relacionamento extraconjugal do cacique, segundo Calado, pode ter motivado o crime.

O corpo de Chicão foi levado ontem para autópsia no Hospital Getúlio Vargas, em Recife, já que com a greve da Polícia Civil praticamente todo o sistema de atendimento de medicina legal está paralisado. O sepultamento deve ser hoje de manhã, depois de celebrados os rituais indígenas.

Chicão tornou-se cacique dos xucuru-kariri há 12 anos, depois

de oito anos vividos em São Paulo, de onde viajou por todo o país, como caminhoneiro. Morto aos 47 anos, cinco filhos, ele liderava uma comunidade de oito mil índios, distribuídos em 18 aldeias.

Os xucurus são a maior população das sete comunidades indígenas do estado, reunidas em 23 aldeias, e têm a maior área demarcada (27.555 hectares), ocupada por fazendeiros e, em pequena parcela, pelas aldeias. A luta pela demarcação das terras se arrasta há anos e a medida administrativa nesse sentido foi executada pela Funai em 1995.

Na época, os índios xucurus denunciaram à Funai a compra, por fazendeiros de terras nos territórios demarcados. Imediatamente os fazendeiros contestaram a demarcação. A briga judi-

cial prossegue até hoje, em tribunais federais.

Em 1996, os xucurus-kariri e outras comunidades indígenas do estado, lideradas por Chicão, ocuparam a regional da Funai em Recife e fecharam a Avenida João de Barros, realizando uma manifestação com danças, música e cores para chamar a atenção para suas reivindicações.

A homologação de medida demarcatória nestes casos é da competência da Presidência da República. No caso dos xucurus, a demanda pela demarcação de terras é marcada por um expressivo número de recursos contrários e pela lentidão atribuída na região a ingerências políticas, favorecidas pelo relacionamento de fazendeiros com lideranças políticas.

Entidades de defesa do índio culpam o Governo federal

Em Brasília, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) culpou o Governo federal pelo assassinato do cacique Francisco de Assis Araújo. O assessor jurídico do Cimi na Região Nordeste, Sandro Calheiros Lôbo, em nota distribuída à imprensa, disse que o cacique vinha denunciando várias ameaças que vinha sofrendo. O Governo federal, disse Sandro Calheiros, não tomou qualquer providência. O Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (Capoib) também culpou o Governo federal pela morte do cacique Xucuru. Segundo o Capoib, várias pessoas estavam interessadas em reduzir a área de 26.950 hectares do povo Xucuru, que tem 272 contestações.

A Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste também divulgou nota culpando o decreto 1775, de 1996, pela morte do cacique. Redigido por Nelson Jobim, ex-ministro da Justiça e atual ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), o decreto permite que demarcações já feitas possam ser contestadas. ■

COLABOROU Hugo Marques